

O jornal aos



Pupilos do Exército



Número comemorativo do XLVII aniversário do I. P. P. E.

Composição e impressão: Tipografia dos Pupilos do Exército

A Associação dos Antigos Pupilos e a sua Missão

Por J. Barroso Júnior

Novos e antigos «Pupilos» vamos comemorar com a habitual alegria e onde quer que nos encontremos, irmanados por idêntico sentimento de gratidão, o 47.º aniversário da fundação do querido Instituto

E porque passa, também agora, o aniversário da Associação dos antigos alunos, celebraremos, em conjunto, as duas datas memoráveis — 25 de Maio de 1911 e 1 de Junho de 1932.

A ideia da criação de um «Grémio dos Pupilos do Exército» era já pensamento nosso em 1917, quando se preparava para sair do Instituto o primeiro grupo de educandos, todos dirigentes ou colaboradores do nosso primeiro mensário — «O Profissional».

Naquelas noites belas, em longos passeios pela parada da 2.ª Secção, sonhávamos com o «Grémio», sendo todos unânimes em afirmar que não se deveriam perder os laços de boa e leal camaradagem que havíamos mantido em seis anos de convivência estudantil.

Mas, em 1919, como em 1926, não era ainda possível organizar a nossa Associação. Só em 1932 nos foi grata a realização desse belo sonho juvenil. Vindos de Escola modelar, onde havíamos recebido boa preparação profissional e sólida educação, estranho seria que não se inscrevesse nos estatutos da novel Associação esta admirável trilogia:

GRATIDÃO — FRATERNIDADE — SOLIDARIEDADE

Gratidão para com a Pátria e o Instituto que amorosa e sábia-mente haviam feito de nós bons cidadãos; Fraternidade que a todos nos unisse, sem distinções de hierarquia. Se todos havíamos sido PUPILOS seria este o nosso único título. Solidariedade, generoso sentimento em prol dos mais inditosos, possibilitando auxílios materiais, amparo moral e emprego sob a protecção dos mais velhos ou melhor colocados.

Não deixou de ter dificuldades a nossa agremiação, porque eramos jovens, de fraca experiência da vida e pobres.

Porém, o tempo decorria, vieram novos elementos, grandes dedicações, e venceram-se as maiores dificuldades. Hoje podemos já orgulhar-nos por havermos triunfado com os nossos próprios recursos — com a força indómita do nosso «Querer é Poder».

Realizados os objectivos essenciais da Associação, continuamos a precisar de gente nova e de mais dedicações para que possa ser cumprida a alta missão da instituição que criamos. Dedicção, carinho e entusiasmo não faltam aos que formam a Associação. Impõe-se, porém, maior convivência com os actuais Alunos, que serão

“QUERER É PODER”

Não será à falta de vontade que se deve atribuir o revés dum grande número de jovens que, prometendo tanto, deram tão pouco?

Inteligências notáveis, eles podiam e, até na medida em que a sabedoria, a prudência e a justiça lho permitissem, deviam aspirar a um primeiro lugar. E, contudo, nada fizeram; permaneceram sempre indolentes e preguiçosos.

Ao passo que se compraziam numa moleza plena de doçuras, outros, dum valor intelectual incontestavelmente inferior mas dotados dum vontade robusta, passaram adiante deles e triunfaram em todas as situações.

Aqueles bondosíssimos inertes não tinham contado com o QUERER dos seus competidores, QUERER que os levou ao trabalho e decuplicou o seu valor. Esqueceram a grande verdade: «Aqueles que, armados dum vontade inflexível, QUEREM singrar na vida, singram».

Há, portanto, que cultivar e desenvolver a vontade porque sem ela não há QUERER e sem QUERER não há esforço, não há grandeza.

Um «QUERO» impulsionado por uma vontade forte, conduz sempre à vitória. No entanto, por detrás deste «QUERO» está quase sempre toda uma epopeia oculta, mas gloriosa, de combates e sacrifícios.

Tudo o que de grande se realiza na terra é feito por homens de vontade de ferro, por homens de QUERER enérgico, QUERER cheio de decisão e de confiança.

Não foi, estimulado por essa força de vontade e esse QUERER enérgico, que os nossos antepassados quase lendários rasgaram os «mares nunca dantes navegados» para «em perigos e guerras esforçados» (mais do que prometia a força humana) dar novos mundos ao mundo?

Não foi, estimulado por essa força de vontade e esse QUERER enérgico, que o patrono deste Instituto — D. João de Castro — pôs termo ao cerco da fortaleza de Diu, numa surtida em que, à frente dos sitiados, desbaratou o inimigo turco que durante sete meses em arremetidas sucessivas procurava conquistar aquela fortaleza?

Se também vós, queridos rapazes, quereis fazer alguma; se também vós aspirais a subir

acima da mediocridade e banalidade dos nossos tempos, esforçai-vos por adquirir uma vontade de ferro, um QUERER cheio de fé, capaz de comandar a vossa inteligência e o vosso corpo, capaz de lançar por terra os obstáculos que se opõem às vossas legítimas ambições.

Os vossos cérebros têm necessidade dum ideal, queridos rapazes. Se ele for grande, nobre, e se vós lhe entregardes a vossa alma com todas as suas potências, só ele é capaz de vos tornar dignos de cumprir a vossa missão, porque só ele pode fazer de vós homens de QUERER enérgico, de carácter sólido e estável como o das montanhas, firme e penetrante como o aço; porque também só ele pode servir de derivativo para vos livrar das paixões inferiores que vos aviltam e vos atraem para baixo.

Guardai na vossa memória, através da vossa vida, o que a seguir vos relato:

Napoleão dispunha-se a efectuar a sua retirada da Rússia. Moscovo está em chamas. Um frio de gelar envolve os soldados enfraquecidos

pela fadiga e pelas privações. Morrem de frio aos milhares, enregelados no caminho.

A noite caiu negra e impenetrável como uma mortalha sobre os tristes sobreviventes do exército, quando Napoleão percorre o campo da morte branca.

«Que raio de luz é aquele que corta ainda o nevoeiro? — Vai ver o que é!»

O mensageiro volta:

«Senhor — diz-lhe o soldado — é o coronel Dronot que trabalha e reza na sua barraca».

Na primeira ocasião o imperador promoveu a general aquele coronel e louvou-o por ter dado prova de tão estupenda força moral em noite tão medonha.

«Senhor — respondeu-lhe o novo general — não temo nem a morte nem a fome; só temo a Deus: é este o segredo da minha força».

Sim, está aqui o segredo de toda a força moral. São as convicções religiosas bem firmes que preparam o carácter viril, uma vontade de ferro, uma coragem a toda a prova, e, consequentemente, o QUERER E' PODER!

F. G.



Carta Aberta aos Pupilos do Exército

Pelo ex-aluno

Dr. Jaime de Mascarenhas

Lisboa, 24 de Maio de 1958.

Queridos amigos:

Convite tocante, que me encheu de júbilo, proporciona-me o ensejo de vos dirigir esta Carta Aberta. Não só me sinto honrado por entrar em contacto convosco por este meio, mas também profunda saudade me invade, já que, após 38 anos de ausência das colunas do Periódico do Instituto, só por três vezes, com esta, nele me é dado colaborar.

Como alguns de vós hoje, via eu há 39 anos aproximar-se o termo dos Tempos Felizes, sem de tal me dar conta, e ufanava-me por essa altura, especialmente, na companhia dos condiscipulos da Direcção, de que o nosso «Profissional», precursor denodado da vossa Gazeta, saísse a lume todos os meses. Eram longos períodos de labuta, de alegrias e tristezas, de optimismo e de arrelizas, que matizavam as escassas horas de lazeres... Saía por esse recuado tempo um Número Especial, ilustrado, do jornal, que guardo religiosamente na minha colecção das pequeninas coisas que encerram quase toda a felicidade. Vangloriávamo-nos também então, por volta de 19.8 1919, de darmos nas suas colunas decidido apoio às primeiras tentativas para a fundação da Associação dos Pupilos do Exército, da qual mais tarde, numa atmosfera de esuficiente entusiasmo, eu era, com outros queridos condiscipulos, um dos fundadores.

Sucedo, porém, amigos meus e futuros ex condiscipulos, que a distinção havida para comigo, permitindo-me a publicação desta Carta, de algum modo se poderá outrossim justificar com o ser eu também professor do Ensino Secundário Comercial, numa actividade docente que já se arrasta por 36 anos. Por certo, assim, a minha qualidade de ex-aluno dos mais antigos e ex-director do mensário, e não menos a de velho professor, me darão jús ao prémio de colaborar com o coração cheio de saudade no Número Especial dos «Pupilos do Exército», com palavras de fé, de incitamento e de homenagem no dia verdadeiramente solene do Aniversário do Instituto dos Pupilos do Exército.

Deixei, queridos amigos, em 1920 essa Grande Instituição onde vivi oito anos que se estenderam desde a franca adolescência aos primeiros anos da mocidade. Coube-me o número 41, tendo sido o primeiro pupilo do segundo grupo de rapazes que tiveram a fortuna de ingressar no Instituto — nessa nobre escola que reputo uma das obras mais altruístas, mais justas e mais honrosas da jovem República.

(Segue na pág. 2)

os continuadores da nossa obra. Eles saberão manter sempre, bem vivos, os sentimentos que animaram os seus fundadores, servindo e prestigiando o Instituto, generosa mãe que nos guiou e concedeu as virtudes que constituem a realidade esplendorosa que

é a Associação, criada pelo espírito e servida com o coração de todos os Pupilos do Exército.

Que o facho aceso pelos rapazes de 1932 se mantenha eternamente rutilante, para que o nosso dever para com a Associação seja cumprido e esta cumpra para com

a Pátria e o Instituto — que nesta hora festiva saudamos comovidamente — a sua elevada Missão.

Lisboa, 25 de Maio de 1958

J. Barroso Júnior

Presidente da Associação dos Antigos Alunos do I. P. E.

Carta Aberta aos Pupilos do Exército

(Continuação da página 1)

Se fora ainda preciso sublinhar novas razões para não me ter recusado a aceder ao convite, dir-vos-ia, amigos, sem assomos de estulticia ou desrespeito pela verdade, que, como aluno, trabalhei com probidade e cumpro na medida em que me permitiram a decidida vontade, a modesta inteligência e as predisposições naturais, de molde a não desmerecer dos favores recebidos da Nação e dos professores que nos prepararam, alguns deles, de plena consciência o afirmo, indivíduos de personalidade marcada, orientadores valiosos, cujos ensinamentos, exemplos e conduta ainda hoje, à luz da moderna pedagogia, podem merecer a minha admiração, sobretudo por em muito suprirem as deficiências materiais da didáctica escolar.

Acentuadamente diferentes eram a estrutura e os programas dos cursos professados ao tempo. Um tanto diferente seria também a finalidade da preparação escolar. Reconhecendo-se desde os primeiros anos da fundação do Instituto que o País já necessitava, ou viria a necessitar fundamentalmente, num futuro próximo, de homens hábeis para as actividades comercial e industrial — as então muito faladas «Força Vivas» —, estabeleceram-se no Instituto os cursos mistos Liceal de comércio e Liceal de indústria, cujas disciplinas se distribuíam por sete anos como no Liceu, digamos, clássico.

Meus amigos, se confrontarmos os tempos já remotos com a época em que vivemos, posso garantir-vos que foram tempos bem difíceis os que nos trouxeram os anos de 1919 a 1925, sobretudo, como doloroso rescaldo da I Grande Guerra Mundial. Nesse lapso de tempo deixaram a Grande Família dos Pupilos algumas boas dezenas de rapazes; sim, difíceis esses tempos, especialmente sob o ponto de vista da economia geral do mundo depauperado pelas chagas daquela hecatombe e, difíceis também, particularmente no nosso País, não pouco como directa consequência de mesquinhas lutas partidárias; tempos difíceis, amigos, pelo atrofiamiento do meio português de então, pela deficiência e instabilidade da estrutura económico-social, que quase nos fez descer da vitalidade ou, pelo menos, da recuperação das Forças apodadas de «Vivas», mas na realidade moribundas, que representavam o Comércio e a Indústria, para os quais a grande maioria dos ex-alunos se havia preparado com fé e decisão; tempos bem difíceis esses, meus amigos, pela modéstia dos recursos naturais da Nossa Terra, que de forma alguma poderiam ser engrandecidos com o «mórbido romantismo» da época, que desenvolvia fundas raízes na própria Cabeça do Império...

Sim, bem sei, não podeis vós, é certo, aquilatar Hoje das desilusões, das fraquezas e dificuldades de Ontem. Dificuldades que surgiam logo no sector escolar, no tocante ao recrutamento de um corpo docente homogêneo e idóneo; no apetrechamento didáctico das aulas práticas e nos métodos pedagógicos então comumente em uso, sobretudo, no campo da aprendizagem das línguas vivas, a qual, para mal de todos, não era por essa altura favorecida, facilitada, digamos mesmo, completada, pelas audições radiofónicas do estrangeiro, nem pelo «Linguaphone», nem pelo contacto com estrangeiros... Por último, dificuldades ainda no próprio conceito das finalidades da verdadeira instrução profissional, a qual constituía no Instituto, a bem dizer, terreno de experiência para o Plano dos estudos técnicos em Portugal. E se notais que, hoje ainda, por vezes, se manifestam contradições e antagonismos de

concepção no campo da sua pedagogia didáctica, confiai como eu, que o facto será antes sintoma de mutação definitiva para os mais próximos decénios, que se alimenta da experiência própria e da dos tratadistas e práticos estrangeiros na matéria, e nunca indicio de teimosos improvisamentos que o tempo dissolve com seus caprichos, pois isso seria descurar os mais recentes postulados emanados das actividades práticas, que por força haverão de condicionar e enformar os princípios de pedagogia e psicologia escolares na Aprendizagem Profissional da nossa Época.

Não só pelo que vos aponto, mas também pelo muito mais que teria cabimento referir aqui, (se não fôra que sou colaborador e não autor exclusivo da vossa gazeta...), óbvio é, que bem mais felizes sois vós ao deixardes o Instituto agora e nos próximos e alongados anos, como já não pouco o terão sido aqueles que o abandonaram no último decénio. E isso, porque todos, além de, quicá, mais bem preparados, numa altura em que os cuidados da nova pedagogia escolar adquiriram capital proeminência rodeando o aluno de todo o «conforto» psicológico... que lhe facultam um quase livre desabrochar da personalidade, ainda tirarão recurso das prometedoras consequências da industrialização do País, a completar, no sector da Previdência, com legislação que será mais ampla, mais decidida, mais generosa, para a protecção eficaz e iniludível de todos os Trabalhadores de Portugal.

Assim, cheios de fé, com a consciência da alta dignidade do trabalho, beneficiareis por um futuro que, praza a Deus seja bem duradouro, dos resultados magníficos que a Nação virá a colher de um condicionalismo industrial que será metódico, escalonado e cauteloso, para ser sólido, real e decisivo. Sim, meus amigos, bem mais felizes vós — e nisso todos vereis o fundamento de redobrada e eterna gratidão pela Obra em que vos fizestes Homens —, porquanto, munidos dos conhecimentos e práticas fundamentais das profissões, como a vida real os exige e proclama, e mais liberta a Sociedade de concepções e preconceitos degenerescentes, senão retrógrados, podereis ter a segurança de viverdes ainda moços e capazes dos mais extenuantes esforços, numa Sociedade não já «mórbidamente romântica», mas alicerçada num dinamismo realista, sem repudiar o calor da verdadeira vida espiritual, mas esquecida, todavia, das «estirpes» tradicionalmente privilegiadas pela própria necessidade de subsistir, para olhar unicamente ao verdadeiro mérito das suas células vitais... Mais felizes, pois, vós, alunos de Hoje, a quem, porque «quereis», o País irá abrir as portas que vos desvendarão a estrada do triunfo na Pátria de Amanhã.

Pois, amigos, se nós, os alunos do segundo decénio do século XX, — os que vivemos a época do «Romantismo mórbido», como já ouvi classificá-la —, encontramos no fundo do nosso Patos as energias procriadas nessa Grande Escola, e tivemos e temos ainda força e faculdades para honrar o Instituto, havendo a grande maioria triunfado numa luta sem quartel, tantas vezes desleal e preconceituosa, vós, ajudados pela conjuntura favorável que há-de proporcionar-vos afã mais fácil e melhor remunerado, tereis então obrigação indeclinável, não só de honrar mas, também, de engrandecer o vulto e a projecção da Escola, à qual, pelo menos tanto como nós, para sempre ficais devedores.

Eu folgaria muito que lêsseis

esta carta justamente no dia 25 de Maio — essa data festiva que, com grandiosidade maior ou menor no decorrer dos anos desde 1911, põe alvoroço no coração dos «pilões». Para nós foi o dia 25 de Maio, sobretudo nos primeiros anos de internato, um dia de garrulice. Faltaria à verdade, se pretendesse convencer-vos de que tínhamos então consciência segura do profundo significado do aniversário. Mas mediram-lhe bem o alcance e sentido, transbordando de amor pela Instituição, os nossos malogrados amigos Comandante António Ferreira de Sousa, Padre Oliveira Morais, Tenente-Coronel Henrique Perestrelo e, antes do meu ingresso na Escola, Alvaro Viana de Lemos! Esses, foram amigos idefectíveis de todas as horas. Aqui lhes presto a minha homenagem saudosa.

Quanto a nós, jovens, tal como vós agora, certamente, só conhecíamos e mediamos então o alcance das coisas e factos que falavam directamente à nossa imaginação febril.

Sem dúvida, o acontecimento que se celebra todos os anos, a 25 de Maio, transcende profundamente o poder de análise e de discernimento da idade juvenil. Mas sentimo-los nós ex-alunos, e sentimo-los progressivamente mais e mais, com a cavalgada vertiginosa dos anos, e pesam-no bem os actuais Mestres da Escola e aqueles, muitos seguramente, que aí longamente leccionaram ou orientaram as gerações anteriores. Mas na realidade, quem em primeiro lugar hoje profundamente sente e mede o significado da data comemorativa, quem de coração apaixonado e com estremosas e ponderadas cautelas lhe ausculta as condições presentes e futuras, é o vosso esclarecido Director, Senhor Coronel Alfredo Ferreira Gonçalves, o vosso grande amigo; o amigo sincero da nossa Associação, que é também vossa.

E, na evidência incontestada deste facto, quero pedir-vos, alunos, que transmitis a S. Ex.^a a nossa mais calorosa homenagem, — minha e de todos os ex-alunos, — tão certo estou de que, neste passo, por todos falaria, se houvesse ocasião de consultá-los previamente —. E' ele no Instituto a primeira individualidade que se entrega em amor, dedicação sem limites e inteligente esforço para que a Escola ocupe sempre um lugar mais alto, conquistando para os seus alunos mais apreciáveis regalias, mais palpáveis favores públicos, mais sólidas amizades. E mais vos peço, alunos, que guardeis na memória tudo quanto lerdes e ouvirdes a propósito do VINTE E CINCO DE MAIO, pois mais tarde, ex-alunos, quando a saudade dessa Grande Família vos apertar o coração, nas horas passageiras do desalento ou desconforto, já a razão amadurecida delas tirará o alcance e pleno significado que hoje não apreendereis.

Amigos meus, saudemos, todos como um só, o dia solene de 25 de Maio de 1911; saudemo-lo mesmo, não com os sentimentos de hoje simplesmente, mas mais fortemente ainda, com o eco retumbante dos louvores e graças rendidos pelas muitas gerações que desde então aí receberam as primeiras luzes que ainda hoje as iluminam. Ardentemente desejo, possa o eco reboar assim por todas as gerações vindouras: Honremos o Instituto, que o Instituto nos contempla!

Até breve e um grande abraço a todos, também em nome dos meus antigos condiscipulos!

P. S. — Estou seguro de que os alunos dos últimos anos serão todos rapazes conscientes, briosos, estudantes verdadeiros e disciplinados.

Um troféu de alto significado educativo

A Taça «Challenge»

Entre os troféus na posse do Instituto, nenhum representa tanta continuidade no esforço, para a sua conquista, nem despertou tanto entusiasmo e emoção entre os contendedores, os rapazes do Colégio Militar e dos Pupilos, como a Taça Challenge. Com efeito, esta taça, disputada durante onze anos e, ano a ano, como título de honra, entregue à guarda da Escola vitoriosa, estimulou e atraiu a atenção dos alunos que frequentavam os dois Estabelecimentos de ensino no período decorrido de 1923 a 1933 e canalizou-os para a prática de um desporto muito aliciente à juventude e altamente educativo: a esgrima de florete.

A Taça Challenge, oferecida pela Guarda Nacional Republicana, quando era seu Comandante o Ex.^{mo} General Ernesto Maria Vieira da Rocha, antigo Ministro da Guerra e destacada figura da esgrima nacional, para ser disputada ao florete entre os alunos do Colégio Militar e dos Pupilos do Exército, por equipas de três atiradores, começou a ser disputada no ano de 1923 e ficou na posse definitiva do Instituto no ano de 1933, após onze en-



contros entre os melhores esgrimistas destas duas Escolas Militares que dividiram, assim, as vitórias nos anos da sua disputa:

- 1923... Colégio Militar
- 1924... Colégio Militar
- 1925... Colégio Militar
- 1926... Pupilos do Exército
- 1927... Pupilos do Exército
- 1928... Colégio Militar
- 1929... Pupilos do Exército
- 1930... Colégio Militar
- 1931... Pupilos do Exército
- 1932... Pupilos do Exército
- 1933... Pupilos do Exército

Nós, ex-alunos, confiamos e pedimo-vos que continueis a cumprir exemplarmente, para proveito próprio, alegria de vossos pais e exemplo digno para os mais novos. É essa ainda a única maneira de agradecerdes ao nosso excelente e comum amigo, Senhor Coronel Ferreira Gonçalves, tudo quanto faz e ainda fará por vós.

Deixai-me concluir: Até breve! Se não vos visse aí no dia 25, depois nos encontráramos na Associação.

Vosso dedicado

Jaime de Mascarenhas

Completam-se agora, precisamente, 25 anos que uma sala anexa ao Teatro Nacional de S. Carlos, onde funcionava, ao tempo, a Escola de Educação Física do Exército, foi palco do final deste belo torneio, de alto valor educativo, em que competiram, com garbo e distinção, rapazes representando dois Estabelecimentos modelares de ensino: O Colégio Militar e o I. P. P. E.

A Taça Challenge registava, nesse dia de 1933, 5 vitórias de cada Escola e seria entregue, definitivamente, após o encontro, à equipa vencedora.

Momento inolvidável que não esquecerão, certamente, os que o presenciaram!

A luta estava no fim!

Tinham sido já disputados 8 assaltos com 4 vitórias para cada lado. Disputou-se, depois, o nono e último assalto e cada contendor «tochara» 2 vezes.

Um breve segundo ia decidir a posse definitiva de um Troféu disputado, cavalheirescamente, embora arduamente, durante onze anos.

Foi num ambiente de profundo silêncio que se ouviu a voz do Presidente do Júri, o Ex.^{mo} Coronel Gonçalves Mendes:

— Para a rectaguarda, em guarda: Continuar!

Depois de rápidas frases do assalto ouviu-se, novamente, a voz do Presidente do Júri:

— Alto!

Silêncio e emoção profunda na sala...

Consultados os membros do júri, não havia unanimidade de opinião no julgamento desta última fase do assalto... Mestre Gonçalves Mendes, medindo a solenidade da decisão reiniciou, com os restantes membros do júri, a reconstituição da «frase»...

Mestres de Armas do Colégio e dos Pupilos, professores e alunos de ambas as Escolas sofriam, de modo diferente, a perspectiva da decisão que ia ser dada...

O nosso representante, o 227, o Manuel do Sacramento Monteiro à direita do Presidente do Júri, estava lívido, como uma máscara de cera, e sofria na prancha, pelos colegas da equipa, o 342, o Mário Gil Martins e o 302, o Octávio Gomes Barata e por todos nós...

A' esquerda, estava o representante do Colégio, em situação análoga.

Ao fim de alguns minutos, a decisão veio, peremptória, indiscutível, decisiva:

— Tocado à esquerda!

Este o momento indescritível e solene que pôs ponto final neste belo torneio que foi a Taça Challenge!

Momentos depois entrava na sala, todos se recordam, com certa desevoltura, o velho Freitas, que ainda hoje serve os Pupilos, que agarrou a Taça como coisa sua e a trouxe para o Instituto onde ainda figura, em lugar de honra, na Sala dos Troféus!

Está fora do nosso objectivo, nesta simples nota evocadora, aprofundar o alto significado educativo da Taça Challenge para tantas e tantas gerações de rapazes do Colégio e dos Pupilos, a maioria dos quais, hoje oficiais do nosso Exército e da nossa Armada.

Apesar disso, ainda que com

(Conclui na página 7)

INSÔNIA!

Deitado na cama dou voltas, impaciente, à procura duma posição para adormecer. A lua duma noite quente de verão inunda o quarto duma luz mortiça que pesa como um cobertor de lã de papa. Abafa-se. Incapaz de dormir com aquele calor, assalta-me o desejo irreprimível de ar livre.

Resolvo sair. Embebido em pensamentos de estranha ansiedade mas de certo modo agradáveis, vagueio pelas ruas solitárias. No silêncio que me rodeia presinto hostilidade, mas tento expulsar o mais possível receios, aliás infundados, e continuo o meu passeio.

Ao rodar de uma esquina, vislumbro um vulto. A calma que tentava conservar deu lugar ao medo; o coração até ali compassado, acelerou com ressonâncias assustadoras.

Paro, e penso recuar! Porém, a curiosidade invencível de saber o que se passava deu-me forças para prosseguir.

Avanço com o pensamento em Deus. A cada passo que dou mais as batidas do coração se parecem a marteladas dum enorme gongo.

Até que nos encontramos frente a frente.

O seu aspecto cadavérico, com o rosto não barbeado, mal vestido, impressiona-me imenso. A calma com que me olha, mete-me medo; não consigo articular palavra.

Penso somente quais serão os seus intentos. Entretanto, a sua voz pouco perceptível rompeu aquele silêncio. Esforço-me por perceber o que diz, mas não consigo. Ele, embora eu não o tivesse pedido, repetiu de uma maneira afável:

— Que faz por aqui a estas horas?

Respondo com alguma indiferença na intenção de exibir coragem que na realidade me escapava:

— Nada, meu amigo. Passeio para me distrair, já que a noite a isso nos convida.

Por aqui fiquei. No entanto, em voz trêmula mas agora mais clara, ouvi-lhe frases, ditas a modo de desabafo:

— O' que feliz é você! Eu, infelizmente, passeio porque em mi-

nha casa estão meus filhos pedindo de comer, sem que eu os possa socorrer. Fujo de casa para não ouvir aquelas crianças chorar de fome. Só eu sou culpado de tudo! Fui estudante como você. Meus pais esforçaram-se para me dar um futuro compatível com as minhas ambições de menino e moço. Mas, ao frequentar os últimos anos liceais, tive o meu primeiro e último amor. Com isto, esqueci os meus deveres escolares para só me dedicar àquela cega paixão. Nada mais existia para mim que não fosse ela; no meu pensamento não cabia outra ocupação. Passeámos muito e, um dia aconteceu o inevitável: Fugimos!... Meus pais não quiseram de modo algum desculpar-me e... abandonaram-me. O mesmo aconteceu com minha mulher. Não desanimámos. Tentámos tudo para ganhar a vida honradamente. Infelizmente tudo foi em vão. Pensei em roubar; mas, O' Deus! que vergonha seria para os filhos, saberem-me ladrão. Não. Repudiei e repudiarei esta ideia, mesmo que os tenha que ver mortos de fome. Para encurtar, meu amigo, eis porque vagueio, procurando expulsar a angústia que há tantos anos me consome e o tempo agrava até me roubar a última esperança de algum alívio. Boa sorte!...

Acompanhei com o olhar compadecido os passos que se arrastavam até desaparecer no topo da rua.

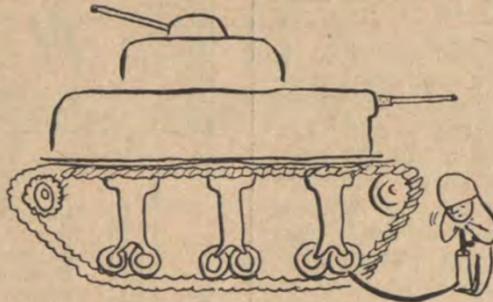
Que podia eu fazer? Tive pena e raiva ao mesmo tempo ante a minha impotência naquelas circunstâncias. Quis chamá-lo no impulso generoso de o confortar, de lhe dizer algo que o encorajasse, mas era tarde, ele tinha desaparecido.

Quando voltei para casa vinha fatigado; a violenta emoção deixara-me prostrado. Adormeci.

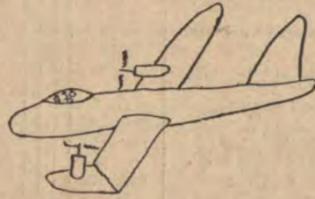
Aquilo que não pude realizar acordado, realizou-se em sonho: — Era o mesmo homem que encontrara na rua mas, agora, conduzia um opulento automóvel, de dentro do qual a numerosa prole me saudava alegremente.

João Manuel C. Murta
Aluno 109, 1.º ano, Contabilistas

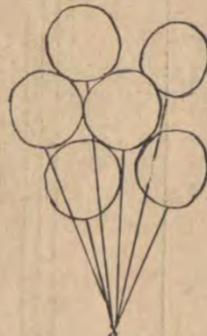
RISCO RISONHO



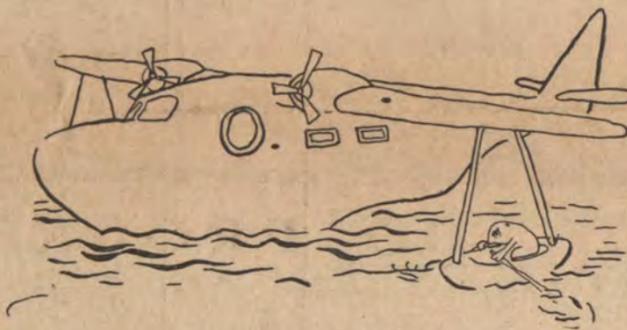
Motorizado



Piloto calorento



vendedor de balões
Revenido



Acabou a gasolina do hidro-avião

Margarido, Aluno 388, 2.º - Preparatório

RETRATO

I	IV
Corpo magro, Corcovado, Com vontade De morrer. Peito opresso, Molestado, Já cansado De viver.	Dedos magros, Amarelos, Já queimados De fumar. Mãos impuras, Descarnadas, Com vontade De matar.
II	V
Olhos tristes, D'amargura, Olheirentos De te amar. Olhos tristes, Rasos d'água, Já cansados De chorar.	Vida triste, Sem esperança, Destroçada De te amar. Voz exausta, Ofegante, Já cansada De implorar.
III	VI
Lábios secos, Dos teus beijos, Com saudades De sorrir. Voz distante, Cavernosa, Já cansada De tossir.	Morte boa, Vem depressa, Não te afastes, Vem-me ver; Fico aqui, Vivo-morto, Já cansado De viver.

POETA
Aluno n.º 309

DEFINIÇÕES

— *Guarda-chuva* — aparelho que transporta a chuva da cabeça para os pés.

— *Bom bebedor* — é aquele que ao abrir uma garrafa deita a rolha fora.

— *Cúmulo da lentidão* — um caracol gago.

— *Manicómio* — edifício que tem telhas a menos.

— *Antónimo* — Palavra que se usa quando não nos lembramos de outra palavra.

Se o acontecimento estoirasse no seio de qualquer outra família, teria provocado as mais sérias complicações.

Nada menos do que o casamento de Alice, a filha mais nova, que devia ter-se realizado na véspera — muito simplesmente, não se efectuou mesmo!

Porquê?
Pois, pela insuperável razão de que o noivo, à última hora, não compareceu! Chega-se a pensar se o deflagrar de uma bomba não seria mais desejável do que aquela violenta afronta.

Para muitos é um pensamento legítimo, à luz dos conceitos em voga na sociedade. De mais a mais, tanto a família da noiva como a do noivo eram tidas numa elevada cotação, motivo porque as dimensões do escândalo tinham obrigação de ultrapassar os limites do mensurável, para júbilo das pessoas amigas, sobretudo das mais íntimas, a quem não é decente servir a sensaboria de um escandalozco sem estilo, mediocre, incapaz de suscitar o mínimo interesse a paladares que a posição social tornou compreensivelmente exigentes. Mas, realmente, a calamidade de um casamento frustrado no momento preciso de sair de casa o cortejo nupcial para subir ao altar, pode considerar-se um desastre suficientemente nutrido para satisfazer o mais voraz convidado. Tinha-se chegado ao apuro de escolher a casa de campo, adquirida há anos pelo pai de Alice, o Dr. Pedro de Sá, numa altura em que fora cometido de furioso apetite de solidão. Situada num ermo, as comunicações eram tão difíceis que as mais elementares necessidades de viver tornavam-se ali um problema transcendente. No entanto, quanto maiores eram as dificuldades mais aquele absurdo capricho o tentava e, contra a opinião de parentes, amigos e colegas, levou a sua por diante. Desistiram de o dissuadir, explicando o fenómeno como mais uma das excentricidades do médico psiquiatra: — «Que havia de extraordinário nas madurezas do Dr. Pedro, se ele tinha passado a vida a lidar com maduros?» — Alguns eram mais ousados nos juízos: acreditavam que a prolongada convivência com multidões de dementes deveria produzir o necessário efeito de contágio.

Aqui é que estava o engano. A suspeita só era possível em mau observador, levado a tomar por loucuras, manifestações que, na verdade, não passavam de séries contínuas, e por sinal muito abundantes, de curiosas distrações. Por espantosa coincidência, juntaram-se sob o mesmo tecto outros tantos distraídos. A mãe, os filhos e, afinal, a parentela mais chegada, por mero acaso ou de facto por contágio, enfermavam do mesmo mal, porventura, em grau não menor.

Escapava a velha criada Brígida, desde criança ao serviço da casa, em quem a robusta compleição da sua natureza rudimentar resistiu sempre aos violentos ataques dos vírus que intoxicam a civilização. Dizia que Deus a tinha poupado à desgraça de aprender a ler e atribuía a essa graça não ter ficado também maluca. Orgulhava-se de ser a única pessoa com juízo naquela casa. Isso dava-lhe uma inabalável confiança em si própria e era muito feliz.

Quando todos se juntavam, nunca mais acabavam as patuscas confusas a que o incorrigível sonambulismo os conduzia a despeito de em muitas circunstâncias as situações roçarem pelo drama. A bem dizer, parecia até que a tragédia eminente servia para tornar mais irresistível a comicidade.

O caso presente é disso a melhor ilustração. Só quem sabe os tormentos a que obriga a realização dum casamento, sem falar já nos dos nubentes que, com frequência são personagens secundários da cena, só

BODAS REQUENTADAS

FOLHETIM HUMORÍSTICO
Pelo Major LUÍS C. CALAFATE

I

quem viveu as angústias duma organização deste género, preparada, claro está, com dignidade satisfatória, reconhece que a inutilização irremediável de todo o esforço em consequência do figurão do noivo cometer a sórdida patiarria de não comparecer, representa uma das maiores desgraças que pode suceder a alguém. Com a agravante de ser naquele sitio solitário, cujo bucolismo o Dr. Pedro achou muito ajustado à cerimónia e, por isso, teimou em escolhê-lo, tão longe de pensar que da teimosia havia de resultar um congestionamento de aflições que só por pouco não veio a paralisia geral percursora da morte por inanição. O esgotamento em que todos estavam falava como gente grande. Evidentemente, com excepção do Dr. Pedro — que esse uns minutos depois de impor enérgicamente a decisão tomada, se esqueceu por completo da razão porque o tinha feito e para quê.

E' verdade! Nem se lembrava que tudo aquilo se destinava ao casamento da filha. E' verdade!... Por muito incrível que pareça, se lhe dissessem que tudo aquilo era por causa da filha que ia casar, ficaria perplexo com certeza. E' que ele iria jurar que a filha já tinha casado há muito tempo — e tanto assim que até tinha um genro, o Dr. Juiz. Sabia-lhe o nome muito bem, chamava-se João e por coincidência estava também em casa naquele momento. «Ai de quem o contradissem, pois ele tinha a certeza do que estava a dizer; ou julgavam-no maluco?!»

De facto, tinha razão em parte. Simplesmente, referia-se a outra filha, à filha mais velha, casada há uma data de anos. Daqui a confusão, pois, por um plausível equívoco abstraía da existência do segundo rebento, agora em idade casadoira.

Em resumo: só se lembrava de que ia haver ali uma festa; ignorava o motivo e — absurdo dos absurdos! — em tudo pensaria menos em que se destinava exactamente ao casamento de Alice.

Alguém veio felicitá-lo pelo brilho, pela solenidade com que, dados os preparativos, era de prever decorresse a cerimónia — e acrescentou — «E' natural. Casar uma filha é acontecimento da maior importância».

Respondeu, deixando o interlocutor abismado: — Que não sabia de nada, mas a observação do amigo vinha chamar-lhe a atenção para um problema realmente delicado que precisava de ser encarado a sério, pois tinha uma filha Alice e, considerando bem, ela estava já em muito boa idade de se arrumar.

O esquecimento chegava a estes extremos, não sendo, portanto, de admirar que de vez em quando arranjasse cada «molho de bróculos» levado de trinta diabos. Bem entendido que pouco se ralava com isso porque antes da coisa se tornar insolúvel já ele andava distante, esquecido dela e, ou o tempo ou terceiros se encarregavam de a resolver.

No fim de contas, a distração para além de certos limites oferece

ao próprio largos benefícios, trazendo-o alheado das baralhadas que provoca, confiante no sereno desenrolar dos acontecimentos, encarados sempre sem embaraços. Uma pessoa que se lembra de tudo é uma vítima da sua implacável memória que o escraviza às infimas miudezas do dever, lhe agrava impiedosa a torrente de desgostos que a vida não se cansa de despejar com curtos intervalos de raras alegrias.

Pedro não tinha que lamentar-se desse privilégio; gozava em beatitude o defeito da distração, vivia a inspiração presente, o que estava para trás não existia.

No início da agitação dos circunstantes refugiou-se no esquecimento e ninguém mais o viu afligir se. No dia seguinte, entregue aos seus hábitos preferidos, o incidente da véspera esbatia-se no longínquo panorama histórico das legiões romanas.

O que se passava com Pedro repetia-se sem diferença de maior com todos os membros da ilustre família.

Com todos, isto é, com a mulher, com a filha Joana e o marido João — o juiz tão respeitado como temido pelo rigor das sentenças, ouvindo-o de rotunda solenidade a que as pronunciadas redondezas do seu físico davam muito carácter. Tirava nestas ocasiões desforra da reduzida importância com que era avaliado aos olhos da esposa, apesar de em casa nunca perder todas as oportunidades que se lhe ofereciam para evidenciar a sua grandeza, aliás favorecida pela robucinda figura de avantajado volume e nébias curvas. Nem estes trunfos, porém, alteravam a indiferença por tais tentativas de soberania conjugal que inalteravelmente se diluam nas invariáveis distrações da mulher. Não é pois de admirar que o severo juiz acabasse por não ter outro remédio senão, como medida de elementar defesa, tornar-se também um lunático.

Mas quase ainda não falamos de Alice, a mais directamente atingida, a noiva inconsolável.

E' evidente que se nos outros, 24 horas chegaram para apagar os sobressaltos do drama, nela a dor penetrara mais fundo e da ferida aberta o sangue não estancara ainda.

No rosto abatido reflectia-se a dor que a consumia, agora menos violenta que ao princípio, mas ainda o bastante para a manter numa imobilidade de estátua, semelhança que a palidez realçava. A expressão ausente, inundada de melancolia lembrava a própria imagem do desalento em que até as lágrimas tinham secado desde que a alma se transformara num interminável deserto despido e seco.

Estava ali inerte, sentada, ou melhor, estatelada na única cadeira existente no enorme salão, cuja nudez mais agravava a tristeza do quadro. Por ser a maior dependência da casa fora aproveitada para nela ser servido o lauto banquete, tão penosamente para ali transportado, motivo de legítimo orgulho dos seus executores.

Tudo em vão!
Ainda lá estavam duas grandes mesas cobertas de iguarias e de dignas batérias dos melhores vinhos a atestar as opulências de esmero que os organizadores quizeram pôr na recepção.

O figurão que faziam na véspera, ornamentadas a preceito, com luzes, flores, lantejoulas — um verdadeiro poema da guloseima!

E agora? Dir-se-iam envolvidos da placidez gélida da morte, era de causar arrepios. E para o espectáculo fúnebre ter mais carácter, longas toalhas brancas, como mortalhas, cobriam os apetitosos pitéus por causa do mosquedo.

(Continua)

CURIOSIDADES

Havia um corcunda, que aliava ao seu defeito físico várias imperfeições morais. Invejoso e mal-dizente, nunca perdia a ocasião de amesquinhar certo escritor das suas relações que nunca outro mal lhe fizera do que ser dotado de grande talento.

Um dia, o corcunda, azedado, provocou o escritor, dizendo:

— Afinal de contas, seu homem de letras, sabe o que é um ponto de interrogação?

Ao que o literato respondeu tranquilamente:

— Sei, sim senhor. E' uma figura insignificante e corcunda que às vezes faz perguntas impertinentes!

Curiosidades Geográficas

— O mais comprido caminho de ferro do mundo é o Panamericano Halifax-Buenos Aires. No entanto, reserva-se essa classificação para o Transiberiano Tcheliabinsk - Wladiwostok, superado em 11.000 kms.; por aquele, porque durante muitos anos o foi, de facto, numa extensão de 6.550 kms.

— O continente asiático, que possui os mais altos montes do mundo, tem também a mais profunda depressão — Ghor. Situada na Palestina, Asia Occidental, corre nela o Jordão, rio que evoca a vida e a obra de Jesus.

Curiosidades Matemáticas

— Walis, que, forçosamente, havia de sofrer de insónias, conta que durante uma delas, calculou, de cabeça, com vinte decimais, a raiz quadrada de 3, e, nas mesmas condições, com vinte e sete decimais, a de um número de cinquenta e três algarismos que havia proposto a, si mesmo, ao acaso!

— O que é um bilião?
No século XV, o limite dos cálculos possíveis foi o milhão, que se manteve durante muito tempo como uma expressão nebulosa.

Mas, no último quartel do século XVIII, os astrónomos, familiarizando-se com as imensidades do Céu, aprenderam com elas o que era um bilião, que não passa, afinal, de um número extraordinariamente grande se exprimir uma quantidade de maçãs, mas que é um número extraordinariamente pequeno se se tratar de contar átomos.

Um homem que vivesse cem anos não conseguiria contar de 1 a 1 bilião, não se ocupando de mais nada.

Para fazer traçar um bilião de riscos, à razão de um por segundo, seria preciso ocupar cento e quarenta empregados durante um ano.

Curiosidades Linguísticas

— Origem da pontuação

A pontuação por meio de pontos e vírgulas atribui-se a Aristófanes, que viveu no séc. III a. C.

Fosse qual fosse o sistema, veio a esquecer-se; mas Carlos Magno tornou a introduzir o uso da pontuação, empregando pontos e símbolos traçados por Warnefrido e Alcuino.

O sistema actual da pontuação, deve-se a Aldo Manucio, impressor veneziano, e data dos fins do séc. XV.

— Vantagens da nossa língua

Um português, falando com um filósofo estrangeiro, fazia ressaltar a riqueza da nossa língua, e, como exemplo, dava o verbo «fugir»:

*Eu fujo
Tu safas-te
Ele pigsa-se
Nós piramo-nos
Vós raspai-vos
Eles miscam-se*

E lá continuava a «dar às trancas» e às de «Vila Diogo» e a passar o «pé» e as «palhetas», quando o velho filósofo deu aos «butes» para não ouvir mais.

— José Maria Barata Feio de Oliveira
A Junho 310

ADIVINHAS

1.ª — Qual é a coisa que se perde muitas vezes, embora sempre a conservemos?

2.ª — Porque é que os elefantes têm cor cinzenta?

3.ª — Aberto, guardo tudo e fechado nada guardo.

4.ª — Já que tens entendimento e és amigo de saber uma pedra em cima da água diz lá o que pode ser

5.ª — Tirada a prova real sou um erro praticado sou doméstico animal sou gancho em prato rachado

O MEU TESTAMENTO

(SÁTIRA)

Meus amigos,
Vou-me embora,
Mas antes queria deixar,
Como uma recordação
Qualquer coisa no Pilão.

.....
Talvez um papel bonito
Com versos, um manuscrito,
Com versos tão delicados,
Que não me dessem cuidados,
Que vocês pudessem ler,
Ler na cama, repimpados,
Com uma certa elegância
Bem longe da vigilância.

.....
Não os peço decorados,
Mas ler assim só por ler,
Não é demais, e afinal
Vos asseguro: não faz mal.
Faz melhor a digestão.
Mas que versos não-de ser?!
Uns versos para um jornal
A história dum bom Pilão...
A história do Bem, do Mal...
Que atrapalhado momento!...
Ah! Já sei:

— Um testamento!...
Oh! Senhor tabelião
Está pronto p'ra escreveremhar?
Tome cuidado, senão...
Vai ver a separação
E deixa de dormir.
Atenção! — Eu vou ditar:
Deixo tudo quanto tenho
A ninguém, pois nada deixo.

E' certo que não me queixo,
Que eu sei que tudo o que tenho
E' de todos afinal.
Deixo a todos em geral,
A vida tão divertida,
Que aqui passei.

Em seguida:
Eu já não sei o que digo
Mas eu deixo o que apanhei:
Um castigo.
Um castigo, eu já nem sei...
Mas eu já não sei o quê?!
Oh! mas esperem, já se vê,
P'ra maldizer aos serões,
Deixo as organizações.

P'ra bons aromas, bons fins,
Tabuletas e jardins.
P'ra activados e Tides,
Os lava-pés e cabides.
P'ra que não saltem o muro,
Pois podem cair no escuro
Um muro bem empedrado,
É um arame «delicado».
Também deixo um livro raro
Que já sei falar claro.
Deixo um adeus ao Pilão
E um bom aperto de mão.

E é tudo.
O' Tabelião, corcova!
O quê? Tu estás a dormir?
Ao menos podias rir,
Eu já estou pronto p'rá cova
Já expressei o pensamento
Em linhas mal definidas;
Após um tal testamento,
Falta tirar as medidas.

PAINEL

E' noite. Chove. Um pobre casario.
Uma rua tortuosa. Um bairro sujo, antigo.
Uma criança passa a tiritar de frio.

Faminto gato preto escorrega no postigo
De esburacada porta. Num passo de mistério,
Sózinho deambula misérrimo mendigo.

E chove. Chove sempre.

Filósofo, talvez, da vida. Triste, sério...
De tanta desventura os olhos rasos d'água,
Sacrilego aponta o céu com ar funéreo.

Uma guitarra ao longe canta doce mágua.
Mais perto agora irregulares passadas
Dos pés dum ébrio a chapinhar na água.

Chove. Chove sempre. Oh! Deus não vês os desgraçados?!...

No fundo da viela, de portas escancaradas,
Espelunca pobre onde alguns homens estão
D'olhos febris nas caras avinhadas.

Bêbado, um canta dolente canção
Obscena, num esgar de boca macerada,
Uma mulher impura dormita no balcão.

E a chuva continua... sempre... sempre... E' uma chuva que gela os ossos e a alma...

E lá fora já clareia a madrugada,
Varinas passam batendo co'as chinelas,
Sonoramente, nas pedras da calçada.

A chuva persistente, fustiga inda as janelas,
Jaz numa poça d'água já morto o vagabundo,
C'um riso amargo, nas faces amarelas.

Confundem-se nos olhos as lágrimas e a chuva. Talvez seja só chuva, talvez sejam só lágrimas. Porque não pára a chuva? Mas porquê?!...

Num riso de agonia, de quem foi neste mundo.
Heróico, escorraçado, honesto, perseguido,
Nos olhos vítreos, um ar, um ar profundo!

E passa tanta gente. Não há um braço amigo...
Que feche os olhos ao pobre desgraçado,
Que o enterre por fim no eterno abrigo.

Um doído passa, sonora gargalhada
Lhe salta da garganta cavernosa,
Ao ver o velho jazendo na calçada.

Porque se ri?! Há acaso alguém que ainda possa rir?! — Os loucos. Oh! Os loucos. Como eles devem ser felizes!... O louco riu-se e a chuva não parou. Porquê? Chove... chove sempre...

O dia veio. E a noite tenebrosa
Se foi. Ninguém olha sequer o vagabundo...
Passa a cidade eterna buliçosa.

O' Deus, o Mundo?!... o Mundo?!...

E' dia. Chove. Um pobre casario.
Uma rua tortuosa, um bairro sujo, antigo.
Jaz'inda na viela o corpo do mendigo,
Não sei como sorri!... O' Deus, não terá frio?

Só a chuva continua... sempre... sempre... E' uma chuva que gela os ossos e a alma... Tudo está triste... as casas, as árvores... E até as aves deixaram de cantar... Só o mendigo sorri... sorri sempre... Como decerto na vida nunca terá sorriso...

POETA

Aluno n.º 309

NOVO VOCABULÁRIO

Arvore — Objecto que se planta para dar sombra.

Sombra — Única razão da plantação da árvore.

Nada — Faca sem cabo da qual já não existe a lâmina.

Lápis — Alimento, mais ou menos indigesto, que se come durante as aulas.

Tabuleta — Bocado de madeira, mais ou menos rectangular e sempre proibitivo, que incita o desejo de passar.

Refeitório — Local mais ou menos arejado onde as indigestões são proibitivas.

Ementa — Diversas maneiras de dizer aviação.

Aviação — Batatas com coelho, que por vezes, é carne.

Aviação — Batatas com carne, que por vezes é coelho.

Chuveiro — Bocado de lata, quase sempre esburacado, com um notável espirito de contradição.

Corta-unhas

Charada

Ao amor eu abro as portas
A' vida as portas encerro
Permaneço em coisas tortas
Mas não em monte ou desterro.

Veja se sabe

Quem imaginou e criou as seguintes personagens:

1.ª — Pantagruel; 2.ª — José das Dornas; 3.ª — Arsène Lupin; 4.ª — Sancho Pança; 5.ª — Quasimodo.

PENSAMENTOS

— A estupidez coloca-se na primeira fila para ser vista; a inteligência coloca-se à retaguarda para ver.

Carmen Silva

— A reputação é espelho cristalino; qualquer toque o quebra, qualquer bafo o empana.

D. Francisco M. de Melo

— Sê generoso... só as almas fortes o são.

ANEDOTAS

Numa aula de Inglês:

Professor: — Porque é que na expressão «Are» se elimina o «r»?
Aluno: — E' para não se confundir com a palavra portuguesa «ar» senhor professor!

Numa aula de Química:

O Professor:
— Qual é a fórmula do ácido sulfúrico?

O aluno um bocado atrapalhado:

— Ai, tenho-a debaixo da lingua!...

Professor:
— Então, deita-a fora que é venenosa.

Certo dia, dois amigos encontraram-se, e começaram a contar as suas façanhas.

Dizia o primeiro:

— Eu, quando estive nos bancos da Terra Nova, pesquei um bacalhau com catorze metros.

Responde-lhe o segundo:

— Isso não é nada, comparado com o que eu fiz. Um dia, estava de noite a pescar com uma lanterna. Quando ia a atirar a linha tropecei na lanterna que caiu à água. Despi-me, atirei-me à água e consegui trazer a lanterna acesa.

Diz-lhe o primeiro:

— O quê?!... Isso é impossível!

Ao que logo retorquiu o outro:

— Está bem, eu apago a lanterna, mas tu encurtas o bacalhau.

Professor
— Diga-me uma palavra que tenha lh.

Aluno:
— Garrafa.

Professor:
— Onde é que garrafa tem lh?

Aluno:
— Na rolha.

Joãozinho, sentado ao lado do pai fazia-lhe perguntas ininterruptas:

— O papá, quem foi o célebre Ministro de D. João I?

— Não sei — responde o pai.

— Qual foi o rei que se seguiu a D. João IV?

— Esqueci-me.

— Sabe por acaso quem foi Bartolomeu Dias?

— Não — confessou o pai depois de pensar um bocado.

— O papá não se importa que eu lhe faça perguntas pois não?

— Claro que não, se assim não fosse como havias de aprender alguma coisa?

Pergunta o oficial comandante de pelotão para um dos soldados:

— Qual é o distintivo do sargento-ajudante?

— 10 tostões.

— O que dizes tu, homem?

— Ali o nosso sargento disse que era a modos de um escudo, mas nós lá na terra ainda dizemos dez tostões.

Em certa secretaria Regimental dois cabos amanuenses descompoem-se ferozmente:

— Você é o maior asno que eu conheço — berra um.

— E você, brada o outro — haverá no mundo alguém mais idiota?

O chefe da secretaria intervindo:

— Então? esqueceram-se de que eu estou aqui?

Entre dois soldados veteranos:

— Pois eu já estive bem perto do fogo e nunca recebi o mais leve ferimento.

— Isso é que foi sorte! E onde estava?

— Na cozinha... era o rancheiro.

O Jornal dos Pupos do Exército

A publicação de mais um número de *O Jornal dos Pupos do Exército* deve-se ao desejo do Ex.^{mo} Director do Instituto de o fazer figurar na comemoração do aniversário do Instituto, que hoje passa.

Um jornal é, numa escola com a indole desta, que deixa nos seus educandos, para toda a vida, o ferrete indelével da camaradagem, do culto da honra e do dever, do Servir por Dever para com a Pátria, uma folha onde se arquiva um pouco da sua história, nunca suficientemente contada e conhecida.

Este jornal deverá ser o elo de ligação moral, o órgão de entendimento, de todos os educandos desta Casa. Aos que já a cursaram recordará bons camaradas, bons momentos da meninice e da mocidade; aos alunos, servirá de repositório dos seus anseios, do seu sentir, das suas reacções em face da obra de educação e de cultura em que esta Escola se encontra empenhada.

Não temos que fazer a apologia dum jornal dos alunos e para os alunos; está no sentir de todos que ele corresponde a uma necessidade.

Há que dar-lhe condições de continuidade, fazê-lo sair com regularidade e razoável frequência; não com o período de um ano.

O jornal preencherá ainda uma necessidade do ensino. Introduzido no ciclo extra escolar contribuirá para despertar tantas aptidões adormecidas — algumas vocações enquistadas que não cedem ao vasculhar do ensino oficial ou de mais tardio desabrochar, aqui encontrarão o terreno propício.

(Conclui na última coluna)



DESPEDIDA



Poemeto em duas NOITES e um BEIJO, oferecido aos FINALISTAS por um Amigo

PRIMEIRA NOITE DÚVIDA

Miudos, bisonhos, de dúvidas cheios,
Quais frágeis folhinhas, trazidas p'lo vento!
Chegam rapazinhos, alegres e alheios!...

Fizeram planos e ouviram os Pais,
Vêm embalados, em doce tormento!
Já longe das Mães, 'inda ouvem seus ais!...

'Inda ouvem seus rogos: «Meu filho, sê crente!
Sê franco, não mintas! Sede puro e sério!
E, estuda, meu filho, p'ra vires a ser gente!...»

Por ares, campos, mares! De povoações
Pequenas e grandes, de todo o Império,
Eles trazem bondade em seus corações!

Uns vêm de jornada, outros bem de perto!
Mas todos se agitam em recordações!
Qu'irá ser a vida? Pisar o incerto?...

Já o silêncio toca! E eles em reza!
E as fontes lhes escaldam, como em turbilhões
E a noite os venceu, naquel'incerteza...

ÚLTIMA NOITE CERTeza

INSTITUTO meu! Que mal eu te fiz?
P'rássim me deixares sósinho na vida?
A mim que te amei, e tanto te quis?

Tu deste-me a alma, não temo o destino!
Deste-me a certeza, nesta despedida!
Revejo-me em ti! Teu feito é um hino!

Tu foste p'ra mim desvelado amigo,
Que sonha, que luta, com ânsia de irmão!
Eu saio, é verdade! Mas fico contigo!...

Tu foste meu Pai, meu Bem e meu Lar!
Deste-me carinho, sã educação!
Gratidão imensa, não posso calar!

Não posso calar teu esforço e firmeza!
Que formou em mim, um homem pr'á vida,
E a dúvid'então, mudou em certeza!!!

A TI tudo devo! Que «querer é poder!»
E eu, posso e quero, dizer-te à saída:
PROMETO-TE HONRAR E JAMAIS ESQUECER!!!

UM BEIJO ETERNA VISÃO

Soa o clarim, em notas estridentes!
Enérgicas vozes, rasgam a parada,
Apresentam-se armas, eis, surge o estandarte!!!

Já a malta da escolta, garbosa, e marcial!
Cerra sobre o símbolo da nossa Pátria Amada!
Como um todo vivo, feito por mão de fada!!!

A escolta já parou! Estandarte a flutuar!
E aquela imensa mole, fremente, dominada!
— São, centos de rapazes d'alma perfilada!

Bandeira de esmeraldas e de rubis ornada!
Sobre o fundo dos claustros, e num cenário de flores!
És uma visão divina da Pátria e dos Amores!

Há lágrimas nos olhos, mas firmeza nas armas!
Momento de esplendor, momento d'emoção!
Que jámais se esquece, e pára o coração!!!

E, então sai da forma, e impávido, avancei,
E, junto do estandarte, convicto, ajoelhei.

E, a DEUS pedi por Ti, ó Pátria sacrossanta!
E, a ponta do seu pano, sem hesitar... BEIJEI!

PENSAMENTOS

— Nos livros aprendi a fugir ao mal sem o experimentar.

Camilo Castelo Branco

— Os homens deviam de ser o que parecem, ou pelo menos, não parecerem o que não são.

Shakespeare

— Poucos estômagos são capazes de digerir uma grande fortuna; um mau alimento não produz tanta corrupção nos corpos como as honras produzem em almas baixas e desprezíveis.

Filipe II

— Bebe-se a largos sorvos a mentira que nos lisongeia, e gota a gota a verdade que nos é amarga.

J. Rousseau

VEJA SE SABE (RESPOSTAS)

1.^a — Rabelais; 2.^a — Júlio Dinis;
3.^a — Maurice Leblanc; 4.^a — Cervantes;
5.^a — Victor Hugo.

(Conclusão da primeira coluna)

Incumbidos de dar a lume este número, procurámos que aos seus patronos, *Os Pupos*, coubesse basta parte da colaboração. Ansiamos por o entregar a uma nova fase da sua vida, de órgão dos alunos para os alunos, tela onde periodicamente se projecte a larga panorâmica da vida do Instituto, pela continuação dos anos, anos sempre moços como os dos rapazes que o animam.

PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES DO XLVII ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DO INSTITUTO PROFISSIONAL DOS PUPLOS DO EXÉRCITO

DIAS 23, 24 E 25 DE MAIO E 1 DE JUNHO DE 1958

DIA 23

DESFIL DO BATALHÃO

Às 10 horas — Desfile do Batalhão Escolar, da Praça Marquês de Pombal à Sé de Lisboa. Percurso: Avenida da Liberdade, Rossio, Rua do Ouro, Rua da Conceição.

Às 11,15 horas — Missa por alma dos Directores, Professores, Oficiais, Alunos e Pessoal Menor do I. P. P. E.

Às 17 horas — Exposição de Trabalhos Escolares, na 2.^a Secção (Estrada de Benfica), com a assistência de S. Ex.^{ta} o Subsecretário de Estado do Exército.

DIA 24

FESTIVAL MILITAR E DESPORTIVO

Às 17 horas — No Campo de Jogos do I. P. P. E. (1.^a Secção) T. de S. Domingos.

GINÁSTICA:

- 1 — Apresentação da classe de ginástica educativa — alunos do Ciclo Geral Preparatório.
- 2 — Exibição da classe especial de ginástica do Instituto.
- 3 — Apresentação de uma classe de ginástica educativa — alunos dos Cursos de Formação.
- 4 — Demonstração de saltos pela classe especial de ginástica: mesa alemã, cama elástica, etc.

APLICAÇÃO MILITAR:

- 1 — Apresentação de uma classe de ginástica com arma, constituída por duas companhias de alunos.
- 2 — Transposição de uma pista de obstáculos por alunos que frequentam o C. S. M. I.
- 3 — Exercício de combate por uma companhia de alunos que frequentam o C. S. M. I.
- 4 — Desfile do Batalhão Escolar.

Às 22 horas — Récita cultural no ginásio do I. P. P. E. (1.^a Secção).

DIA 25

TARDE CULTURAL

Às 16 horas — No ginásio do I. P. P. E., tarde cultural e recreativa:

Baile abrilhantado pelas orquestras Jorge Machado e Boémia.

Variiedades: Conjunto de acordeons Hohner, constituído pelo Ex.^{mo} Sr. Joaquim Marques da Silva e seus filhos; Conjunto musical do Liceu Pedro Nunes; Actuação de distintos artistas do Teatro e da Rádio.

DIA 1 DE JUNHO

Às 13 horas — Almoço de confraternização de antigos e actuais alunos do I. P. P. E.

Às 16 horas — Tarde cultural no ginásio da 1.^a Secção, dedicada aos ex-Alunos e suas Famílias, com 2.^a apresentação da Récita do dia 24 de Maio.

NOTICIÁRIO DAS ACTIVIDADES DESPORTIVAS

O Desporto dos «Pilões» teve este ano, nos certames organizados pela M. P., acção notável e preponderante — aliás como sempre — contribuindo proficua e largamente para a atenção da sã camaradagem que deve de existir entre os jovens dos vários centros escolares.

Realmente, nascem destas pugnas desportivas e atléticas, laços de pura confraternização e solidariedade que se hão-de prolongar pela vida fora.

Assim, sim; o desporto é útil à sociedade fazendo estreitar mais ainda os elos que nos unem e que nos farão bons e compreensivos.

As provas efectuadas decorreram maravilhosamente e o «pilãozinho» pôde demonstrar a sua vida e disciplina nas mais variadas modalidades, designadamente no futebol, atletismo, andebol, voleibol, ping pong, tiro e remo.

Vejamos, modalidade por modalidade, os resultados obtidos — demonstração clara e eficiente da nossa tradicional supremacia em provas da M. P.

FUTEBOL

Campeonato de Lisboa
(Iniciados)

Resultados :

- I. P. P. E. (4) E. A. Paiã (1).
- I. P. P. E. (vencedor p/ falta de comparência da Escola I. Machado de Castro).
- I. P. P. E. (2) Liceu Francés Charles Lepière (0).
- I. P. P. E. (vencedor p/ falta de comparência da Casa Pia).
- I. P. P. E. (3) Colégio Militar (3).

Meias Finais

- I. P. P. E. (1) Escola Académica (1).

- I. P. P. E. (0) Colégio Militar (2).
- I. P. P. E. (2) E. A. Paiã (0).

ATLETISMO

Epoca de Inverno — Corta-Mato:
Torneio de «Abertura» (p/ iniciados e juniores)

Distância 1.500 m.

- Aluno n.º 254 — Xavier — 1.º 3^m 40^s.
- Aluno n.º 211 — Pereira — 2.º.
- Aluno n.º 365 — Cordeiro — 4.º.
- Classificação por equipas — I. P. P. E. — obteve o 1.º lugar com 24 pontos.
- Juniores — 2.000 m.
- Aluno n.º 24 — Crovisto — 1.º em 4^m 40^s 5/10.



Os alunos que representaram o Instituto no Campeonato Regional de Corta-Mato (Iniciados e Juniores)

- Classificações individuais:
- Aluno n.º 24 — Carrito — 2.º em 5^m 12^s.
 - Aluno n.º 365 — Cordeiro — 4.º.
 - Aluno n.º 71 — Afonso — 5.º.

- Classificação por equipas — O I. P. P. E. obteve o 2.º lugar com 11 pontos.

Campeonato Regional

- Iniciados — 1.500 m.
- Classificações individuais:

TORNEIO DOS MÍNIMOS

Maio

O I. P. P. E. obteve o 1.º lugar com 261 pontos, ficando, em 2.º lugar o Colégio Militar com 171 pontos.

ANDEBOL

Vanguardistas B

- I. P. P. E. — (vencedor p/ falta de comparência da Veiga Beirão).
- I. P. P. E. — (2) Marquês de Pombal (5).
- I. P. P. E. — (3) Ateneu Comercial (5).
- I. P. P. E. — (2) António Arroio (4).
- I. P. P. E. — (4) Machado de Castro (4).
- I. P. P. E. — (1) C. Escolar n.º 10 (1).

VOLEIBOL

- Infantes.
- I. P. P. E. (2) — Nuno Gonçalves (1).
- I. P. P. E. (2) — Marquês Pombal (0).
- I. P. P. E. (2) — C. Escolar n.º 10 (0).
- I. P. P. E. (2) — Machado de Castro (0).
- I. P. P. E. (0) — Veiga Beirão (2).
- I. P. P. E. (2) — C. E. 33 (0).

PING-PONG

Vanguardistas A

Campeonato das Escolas Técnicas

Ala de Lisboa

- Aluno n.º 49 — Almeida — 1.º
- Aluno n.º 123 — Carvalho — 3.º
- Aluno n.º 250 — Pereira.
- Por equipas — I. P. P. E. (5) C. E. 13 (4).
- Por equipas — I. P. P. E. (8) C. E. 13 (1).

PENSAMENTOS

— Um pouco mais de tenacidade, um pouco mais de audácia e um pouco mais de trabalho... eis o que se chama sorte.

— Se pararmos cada vez que um cão latir, o nosso caminho nunca terá fim.

— Os que sabem ocupar-se em qualquer leitura útil e agradável, nunca sentem o tédio que devora aqueles que vivem rodeados de delícias.

— Diplomata é uma pessoa que pensa duas vezes antes de não dizer nada.

— O progresso é a realização da utopia.

TIRO

Torneio de Preparação.
Aluno n.º 34 — Alpalhão — 3.º lugar com 57 pontos (entre 41 concorrentes)

REMO

4.ª série.
I. P. P. E. (Equipa B) — 1.º lugar.
Constituição da equipa:
Alunos — 228 — 183 — 241 — 89 — 212.

Algumas provas ainda não estão terminadas mas, dos resultados já obtidos, podemos concluir que, se em determinadas modalidades não atingimos o nível a que estávamos habituados, noutras, nomeadamente no atletismo, modalidade 100% vitoriosa, nos agigantamos em relação aos anos anteriores.

Compilação do aluno n.º 94
Currilo

DETALHE DO PROGRAMA DA RÉCITA

I PARTE

Os Pupilos do Sr. Reitor

FANTASIA EM 1 ACTO

do Ex.º Sr. Major Eloy Alberto Valverde

DISTRIBUIÇÃO :

- | | |
|----------------------|---|
| Reitor | Cabo Verde |
| Inspector | José Gonçalves |
| Vigilante | Nelson Pereira |
| Porteiro | Vasco da Silva |
| 1.ª Visita | Matos Silva |
| 2.ª Visita | Henrique Casimiro |
| 3.ª Visita | Luís Neto |
| Rabanete | Boavida Pinheiro |
| Atunos | Leal, Luís Eusébio, Artur de Mendonça, Ilídio Santos, Anibal Leal, Edmundo Santos e Purificação Morgado. |
| Jardim | Silva Exposto |
| Flores | Machado, Pereira, Amaral, Nobre, Matias, Sanches, Barbosa, Cruz, Pitters, Ribeiro, Victorino, Peres e Morais. |
| Pirilampas | Coelho, Amaro, Barreiros e Fernandes. |
| Borboletas | Calbau, Almora, Cruz e Marques. |
| Rouxinol | Florismundo Costa |

ENCENAÇÃO DO AUTOR

Cenário e execução cenográfica de Mário Ramsky

Era uma vez... um Dragão

FARSA EM 1 ACTO

de António Manuel Couto Viana

DISTRIBUIÇÃO :

- | | |
|--------------------|----------------|
| Prólogo | Silva Exposto |
| Catrapaz | Franco Leal |
| Catrapiz | Ruy Borges |
| Catrapuz | Nelson Pereira |

ENCENAÇÃO DO AUTOR

Cenário de António Vaz Pereira

Direcção artística

do

Ex.º Sr. Major Eloy Alberto Valverde

Direcção de ensaios

de

Alfredo Palma Vaz

INTERVALO

II PARTE

O que faz a Ambição

DRAMA EM 1 ACTO

do Ex.º Sr. Major Eloy Alberto Valverde

DISTRIBUIÇÃO :

- | | |
|----------------------------|----------------------------------|
| Manuel da Quinta | Artur de Mendonça |
| António Maria | Ruy Borges |
| João 14 anos | Silva Exposto |
| João 34 anos | Nelson Pereira |
| António da Rosa | Vasco da Silva |
| Chico da Levada | Freitas Moreira |
| Luís da Mathada | Cambetas Abreu |
| Padre José | Cabo Verde |
| Comentador | Carlos Leitão |
| Criados | Bacelar Lopes e Vitor Brogueira. |

ENCENAÇÃO DO AUTOR

Cenário de Ruy Mendes

Execução cenográfica do Mestre Reynaldo dos Santos

O Feiticeiro Infeliz

FARSA EM 1 ACTO

de Fernando Passos

DISTRIBUIÇÃO :

- | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|
| Feiticeiro Infeliz | Nelson Pereira |
| D. Galaau | António Carneiro |
| D. Galaon | José Terras |
| Feiticeiro Interessado | Artur Mendonça |
| Diabo | Ruy Borges |
| Anjo | Carlos Leitão |
| Guardas | Henrique Casimiro e Domingos Ribas. |
| Morcego (figurante) | Boavida Pinheiro. |

Encenação de António Manuel Couto Viana

Cenário de Nuno San Payo

Figurinos de António Vaz Pereira

Coros falados

Criação e Direcção do Ex.º Sr. Dr. Aires Biscaia
Loas à Chuva e ao Vento — poesia de Matilde Rosa Araújo
Uma História Pequena — poesia de António Botto
O Mostrengo — poesia de Fernando Pessoa

Com interpretação dos alunos: Gastão Currito, Cambetas Abreu, Bacelar Lopes, António Carneiro, Carlos Leitão, Henrique Casimiro, Cabo Verde, Silva Exposto, Ruy Borges, Nelson Pereira e Franco Leal.

Pianista: Sr.ª D. Maria Emília do Carmo Barbosa Dias
Contra-regras: Jorge Pereira, Marques da Silva e Baleiro Salgueiro

Electricista: Manuel Ganhito — Ponto: Martins Vieira
Caracterizador: Bettencourt Athayde

Guarda-roupa das Casas Anahory e Paiva

A Taça "CHALLENGE"

(Conclusão)

simplicidade, não é difícil constatar que, através da sua história maravilhosa, a «Challenge» atingiu, plenamente, os seus objectivos: pureza e alto valor desportivo; actividade, entusiasmo, grande dedicação à prática da esgrima de florete e, sobre todos estes méritos, o mérito maior — foi um polo, uma luz de esplendorosa e activa educação.

Eis porque, a distância de 25 anos, nos curvamos respeitosa e em alto preito de reconhecimento perante tão nobre, tão fecunda e tão feliz iniciativa da Guarda Nacional Republicana e do então seu ilustre Comandante o Ex.^{mo} General Ernesto Maria Vieira da Rocha.

Não apagou o tempo, também, a gratidão devida aos Mestres, Ex.^{mos} Major Luís Alberto de Oliveira, Coronéis Viriato da Fonseca Rodrigues e Oscar da Silva Mota. A estes ilustres Oficiais se deve tudo quanto em favor do florete se fez no Instituto. Em verdade, a Taça Challenge, pertence-lhes; a vitória é sua porque nada se conseguiria, como é óbvio, sem método, orientação, disciplina. E todos quantos tiveram a felicidade de os conhecer de perto, de receber as suas lições e conselhos, não deixarão hoje, como sempre, de se lhes sentirem imensamente agradecidos sob diversos aspectos. A esgrima de florete, como a de sabre ou espada, requer mais que qualquer outro desporto, a par da agilidade própria às três armas, elevada correcção e aprumo, distinção moral, enfim, um conjunto de virtudes não comuns a qualquer outra modalidade desportiva. Um perfeito esgrimista não pode ser um desportista vulgar. A esgrima foi sempre para os melhores.

Foram as qualidades morais, essenciais aos praticantes da esgrima, que os Mestres citados procuraram sempre infiltrar nos rapazes, a par da preparação técnica peculiar à arma. Todos aqueles que se dedicaram à esgrima podem ter esquecido como se segura o florete, já não sabem tomar a posição de «em guarda», mas, certamente, ainda se lembram da elegância moral usada nas diferentes fases do assalto. Pode a habilidade ter-se esvaído no tempo; o essencial é que os princípios educativos tenham ficado.

Sublinha-se que não houve a intenção de destacar neste modesto escrito a conquista da Taça pelos Pupilos, mas uma vitória maior e mais fecunda: a vitória que a própria disputa da Taça representou, não apenas para os alunos que nela competiram e para os Mestres de Armas que os ensinaram, mas para toda a população escolar das duas Escolas! Vitória dos Mestres de Armas (dos Pupilos e do Colégio) pelo ensino dispensado aos discípulos; vitória dos discípulos (alunos do Colégio e dos Pupilos) sobre si mesmo! Dos Mestres porque, persistente e pacientemente, prepararam os «challengistas» e tantos outros, transmitindo-lhes parte da sua arte e, acima de tudo, as elevadas qualidades indispensáveis aos esgrimistas: nobreza, alto espírito desportivo, na vitória como na derrota, camaradagem de armas. E os Mestres alcançaram bem esta finalidade. Por isso a «Challenge» é dos Mestres. A vitória pertence-lhes. Vitória também dos discípulos sobre si mesmo porque a esgrima é esforço, virilidade, mas também domínio, educação, de qualquer face que a tomemos. Elegância desportiva no mais alto grau! Todos quantos a praticaram sentiram-lhe decerto, o imperativo.

Estas breves palavras não podem traduzir aqui o grande entusiasmo juvenil que sempre acompanhou a preparação para as várias provas de florete e, propriamente, a disputa da Taça. Viveu-se a época ou não se viveu. Sentiu-se ou não a emoção e o ardor dispendidos. Por isto mesmo, pode parecer à primeira vista que o assunto «Challenge» deveria deixar-se em paz, continuar apenas na lembrança de algumas gerações de rapazes e não se falar mais dele. Não! Persistentemente, não! E' que «Challenge» é também brado de alerta que transcende a simples competição desportiva entre Escolas. Aqui, é um brado pela própria esgrima, pelo seu ensino, pela sua prática de que todos beneficiarão: os atiradores, o Instituto, o desporto militar, a esgrima nacional!

Desejariamos que as actuais gerações de «Pupilos» pudessem vir a usufruir das incontestáveis vantagens de uma prática altamente educativa que o Instituto tanto acarinhou.

Pretendemos, com o que atrás dissemos, que a «Challenge» fique para sempre como símbolo representativo dum entusiástico e contínuo esforço de várias gerações de rapazes dos Pupilos, e dos seus dedicados e competentes Mestres, em prol da esgrima de florete. Pretendemos, finalmente, que se não perca a prática duma modalidade tão afecta à raça e que tem já honrosa tradição no Instituto.

Possa a «Challenge» do lugar de honra que lhe pertence entre os troféus do Instituto, inspirar, num futuro próximo, actividade semelhante àquela a que deu início, são os votos que fervorosamente formulamos de todo o nosso coração.

Alunos e Ex-Alunos, bradem: «Challenge» pela esgrima no Instituto!

Alberto da Silva Campos
Ex-al. 34, componente da equipa
de florete de 1931

HENRY FORD

Tinha, desde sempre, ouvido este nome *Ford*, julgando dele pouco mais que de uma marca de automóveis e tractores; um nome como qualquer outro.

Quando entrei na nossa sala de aula pela primeira vez chamou-me a atenção um grupo de seis quadros encaixilhados que contavam em poucas palavras, mas em sugestivas imagens, a história desse grande nome. Sabia que de grande modéstia foram muitos dos homens que contribuíram para o progresso e bem estar da humanidade mas não julgava tão curiosa, por humana e simples, a história de Ford.

Vendo esses quadros sinto que um grande homem pode ser quem se aplique com perseverança à realização duma ideia de que venha a beneficiar grande número de seres, embora, no seu aspecto imediato essa realização pareça interessar somente o próprio realizador.

Henry Ford não foi o primeiro construtor de automóveis do Novo Mundo, (em 1893, Charles & J. Frank Duryea, de Springfield, Mass., desenharam e construíram ali o primeiro automóvel, movido a gás) mas distinguiu-se de todos os restantes construtores de automóveis do seu tempo pela ideia que tinha sobre o papel que ao automóvel cabia.

Sem educação filosófica, autor manual do seu próprio automóvel, com humana simplicidade proclamou em 1909, (já então em plena produção o seu célebre modelo T que atingiu em 19 anos a produção de 15 milhões). «Eu construírei um automóvel para a multi-

A ARTE

Arte é o conjunto de preceitos para perfeita execução de qualquer coisa ou realização duma ideia.

As artes liberais são aquelas em que intervem quase exclusivamente o espirito. Artes mecânicas são as que exigem além da concepção e dos preceitos de realização, esforço físico mais ou menos apreciável. As belas artes são as artes que dentre todas se destinam ao recreio do espirito sem aparente aspecto utilitário, com uma única finalidade: a de beleza.

Pelas investigações arqueológicas pode concluir-se que desde sempre o homem se tem dedicado ao aperfeiçoamento das suas expressões imprimindo-lhes cunho artístico. Mesmo à custa de grandiosos trabalhos e sacrifícios a sua sede de expressão artística tem sido coroada de êxito e não poucas vezes as realizações artísticas relegaram para segundo plano as realizações utilitárias.

O artista possui inatos os dons mentais, mas tem de dedicar constante esforço ao seu aperfeiçoamento, submetendo-se, quase sempre, a sacrifícios para obter a ambicionada fama.

Hoje, como sempre, as manifestações artísticas são o padrão por que se avalia a cultura de uma sociedade. A noção de arte tem portanto de acompanhar todos os que tenham de levar a cabo a realização de qualquer obra, mesmo essencialmente utilitária. O conhecimento das regras de arte deve assim ser divulgado para que um número sempre crescente de pessoas as tenha em consideração nas suas realizações e nas suas aquisições.

Domingos Barros Ribas
Al. 94 Mec. Auto

RESPOSTAS:

ADIVINHAS

1.^a — A cabeça. 2.^a — Para se distinguirem das formigas vermelhas. 3.^a — Guarda-chuva. 4.^a — O gelo. 5.^a — Gato.

CHARADA

A letra a

dão... tão baixo no preço que nenhum homem com um bom salário deixe de poder adquiri-lo e gosar com sua família as bênçãos de Deus, em horas de prazer, nos grandes espaços livres».

O seu programa como fabricante não desdisse do ideal que o animou durante dias e noites em que se entregou à construção do seu primeiro carro, para uso próprio. Ford, pode dizer-se, fazendo nascer uma era na indústria mundial, levou o automóvel a toda a parte e pô-lo ao serviço de muitos que não sonhavam tê-lo. O seu sistema de produção tornou-se objecto de estudo de economistas e de políticos, e a ciência registou mais uma concepção económico-social: o Fordismo.

Quem era Henry Ford? A sua última biografia em dois volumes, obra do Prof. Allan Nevins, da Universidade de Colúmbia, e de Frank Ernest Hill, engloba o Homem, a Época, a Empresa, a Expansão e a Luta. Não quero ligar-me às páginas dessa biografia: prefiro reter na mente os seis quadros que a Ford Motors deu à estampa em simples folhas de calendário. A essa biografia pela imagem estimulante da vontade, devo a compreensão de quanto para o bem comum podemos realizar com as nossas próprias mãos; delas poderá sair qualquer coisa de novo que contribua para, a todos, dar uma vida melhor.

Carlos de Sousa
Al. 15 Mec. auto

— Quando Deus castiga o mundo é que não o quer condenar.

Santo Agostinho

Um Pupilo na Navegação Aérea

(Conclusão)

da componente do vento. Resolvida a primeira parte, depois, por aplicação do resultado obtido e colocando a régua sobre a carta, marca-se com toda a facilidade o melhor caminho. E utilizando ainda a régua de outra forma, sobre a melhor rota já lançada, de acordo com as instruções devidas, encontram-se, com leituras quase directas, as componentes do vento...

1958 — Março, lemos na revista Norte Americana «Flying»:

«On June 30, 1936, a routine patent application was filed in the U. S. Patent Office by a Young Naval Reservist, Lt, Philip Dalton, under the title Plotting and Computing Device.

... Since Dalton's original design there have been dozens of others developed without discovery of a simpler or more accurate method of solving the wind triangle. This lack of evolution is rare in technical instrument history and a monument to the genius of Philip Dalton.

... Mr. A. L. C. Heitor, a Portuguese citizen and flight dispatcher for Scandinavian Airlines in Lisbon, persisted in his belief that the slide rule should be automatically positioned for ascertaining time to cover a given distance after completion of the wind triangle solution; and that the wind problem itself could be worked with fewer manual steps by slightly altering the basic E. 6 B. design.

Fig. 3 illustrates his model, designated the «Weems — Heitor Computer, Type E — 10 — A...»

Eis, a breves traços, o perfil profissional de António Luís Chamiço Heitor, presentemente, despachante aeronáutico da Scandinavian Airlines System, o antigo aluno que quisemos ouvir e homenagear na data festiva de 25 de Maio:

— Uma marca, que o tempo não apagou, do teu coração de Pupilo?

— Nas relações com os Homens, a Camaradagem, no cumprimento dos deveres, a Pontualidade.

— Um Mestre...

— O Capitão Fonseca Mendonça, nosso professor de Matemática.

A sua clareza na exposição impressionou o meu espirito juvenil e assim nasceu o meu gosto pela ciência dos números.

— Uma recordação...

— Lembro-me de que certo dia, estando a escrever, inspiradamente, na aula de Português, uma carta à minha namorada, senti, bruscamente, uma pesada mão sobre a minha carteira... Quando levantei os olhos já a carta ia, amarfanhada, nas mãos do saudoso Tenente-Coronel César Ferreira, nosso professor, que se permitiu, perante as minhas faces ruborizadas, comentá-la com outros professores à frente de toda a Companhia...

— Duas palavras, especialmente para os actuais alunos:

— A vida nem sempre nos sorri e, quando o faz, não nos mostra sempre a mesma face!

Mas nem por ter sido impedido, por excesso de idade, de continuar o meu curso no I. P. E., deixo de reconhecer que foi ainda no Instituto que embebi a minha alma do fermento humano que me tem amparado na luta pela vida.

Depois de 20 anos de trabalho profissional intenso e duro, surgiram frutos. E' a vida, desta vez, a sorrir com a outra face!

E' com emoção que constato o uso, por importantes Companhias de Navegação Aérea, dos meus inventos, a «Régua para navegação isobárica e para cálculo de rotas no tempo mínimo» e o «calculador automático para navegação aérea».

E', sem dúvida, com uma ponta de orgulho que verifico que muitas travessias do Atlântico têm sido planeadas usando, exclusivamente, os meus aparelhos.

Deixem-me, rapazes mais novos dos Pupilos, rapazes da minha Escola, compartilhar convosco estes bons momentos!

Nem todos vocês tiram o Curso de Contabilista, o único que dá acesso directo às carreiras de Oficial do Exército e da Armada: Não desanimem por isso e vejam antes nesse facto um estímulo!

O melhor caminho nem sempre é o mais fácil ou o mais curto.

Trabalhai, tendo sempre presente o lema do nosso Instituto, «Querem é Poder», e, sobretudo, os alicerces morais que lhe dão todo o seu autêntico significado.

Eram eles que eu, sem saber, trazia na minha alma de Pupilo no dia em que passava, pela última vez, como aluno, o velho portão de ferro de S. Domingos de Benfica.

São eles ainda que eu, saudosamente, convosco, evoco, neste dia solene de 25 de Maio, Pupilos mais novos, digam comigo:

QUERER E' PODER!

L. S.

MAPA DO MUNDO

A Inglaterra tem sido fértil em dar ao Mundo novas Nações, transformando os seus antigos domínios ultramarinos em membros da «Commonwealth». Coube agora a vez a uma federação de territórios que se designa, como Nação, por *Índias Ocidentais* (West Indies).

A declaração foi feita há dias, em nome de S. M. a Rainha Isabel II de Inglaterra, pela Princesa Margarida:

I now declare the federal legislature of the West Indies to be inaugurated.

Como é a nova federação constituída:

— *Membros*: Os membros da federação são: Jamaica: «Trinidad» e «Tobago»; «Barbados», «Antigua», «Montserrat», «St. Kitts», «Nevis» e «Anguilla»; «Dominica»; «Grenada», «St. Lúcia» e «St. Vicente».

— *Área e população*: A área terrestre é de cerca de 20.720 quilómetros quadrados; a população é de cerca de 3 milhões, dos quais mais de 70% de origem africana. As 13 ilhas espalham-se por 550.000 milhas quadradas das águas do Mar das Caraíbas.

— *Economia*: A produção é essencialmente agrícola. A cana sacarina ocupa o primeiro lugar nas colheitas. Existem minérios de bauxite na Jamaica e jazigos de petróleo em Trinidad. São estes os dois membros da federação onde a indústria começa a desenvolver-se.

— *Regimen político*: Um Senado de 19 membros nomeados pelo Governador Geral; uma Câmara de Representantes com 45 membros eleitos.

O Governador Geral, em nome da Rainha de Inglaterra, é o responsável pela defesa, negócios estrangeiros e estabilidade financeira. O Senado tem função legislativa. A Câmara de Representantes tem jurisdição sobre um limitado número de assuntos — moeda-emigração-imigração — etc. A Inglaterra assegura nos primeiros 10 anos as finanças.

— *Capital*: Não está ainda localizada a Capital do novo Estado mas supõe-se que ela se situará na «Trinidad», nas proximidades de «Port of Spain».

— A boca dos aduladores é um sepulcro aberto.

Pupilos no Desporto Nacional

Entrevista com o antigo aluno 342, Mário Gil Martins, ex-campeão nacional de atletismo e esgrima.

Muitos têm sido os rapazes do Instituto que ao Desporto Nacional têm dado valiosa contribuição, fruto de uma cuidada e bem orientada educação recebida na Escola, através de exercícios físicos.

Entre estes rapazes destaca-se, sem dúvida, o nome de Mário Gil Martins, a quem foi dado o n.º 342 no ano de 1923 e que, com 10 anos de idade, ingressou no Instituto, indo então frequentar a instrução primária.

Na data festiva de 25 de Maio, em que actuais e antigos alunos confraternizam e confundem as suas almas no mesmo sentimento de gratidão à Escola que os preparou para a vida e aos homens que a criaram e mantêm, procurámos Mário Gil Martins, hoje director fabril da Metalúrgica da Longra, Lda., lugar a que o havia de guindar o Curso de Máquinas e Electrotecnia que concluiu no Instituto em 1933.

Quem é Mário Gil Martins no Desporto Nacional?

Meia dúzia de apontamentos de um rosário interminável de competições e de vitórias chegam para a apresentação às novas gerações de Pupilos e para saudosa evocação aos que, ainda alunos, viveram as suas extraordinárias vitórias — suas, do Instituto, a Escola que o educou, da Associação dos Pupilos do Exército, que também representou, e de todos os Pupilos.

Mário Gil Martins foi um dos maiores valores do Atletismo Nacional e, com Martins Vieira, um dos grandes esteios da equipa de atletismo do Sport Lisboa e Benfica nos anos de 1932 a 1938.

Não temos outra intenção que não seja a de apontar o seu ecletismo e o seu estofa atlético de grande Campeão.

O seu primeiro grande título conquistou-o em 1931, ganhando os campeonatos nacionais de juniores do salto em altura com a marca de 1,61.

Nesse mesmo ano teve a sua primeira selecção, representando Lisboa contra Setúbal.

Em 1935 Gil Martins foi cam-



peão absoluto de Portugal, de saltos em altura, vencendo, à frente do valoroso atleta que foi Palhares Costa, com a marca de 1,67, e de saltos em comprimento, cujo título conquistou com um salto de 6,34.

Neste ano representou a cidade de Lisboa contra o Porto e Barcelona.

Em 1937 o seu nome aparece duas vezes na lista dos campeões de Lisboa: do salto à vara, com 3,10 e do triplo salto, com 12,64.

O ecletismo e o estofa atlético de Gil Martins ficam bem comprovados através dos seguintes resultados com que, decisivamente, ajudou o seu clube, o Sport Lisboa e Benfica, a vencer um Torneio de Atletismo em Espinho, em 1933 — Gil Martins tinha então 20 anos — em luta ardorosa com o Académico do Porto:

Salto em altura: 2.º lugar com 1,70. Salto à vara: 2.º lugar, com

A Génese duma Obra de Arte

Dizia, há pouco, num artigo de fundo, o brilhante escritor Augusto de Castro: «Os livros têm a sua biografia, que fica perdida na memória e na imaginação dos seus autores. E não só os livros: todas as obras de arte, todas as obras do espírito».

Ao regressar ao serviço do Instituto, depois de uma interrupção de dois anos lectivos, vim encontrar melhoramentos, sobretudo nas instalações destinadas ao corpo docente, que muito me surpreenderam pelo sentido de dignidade que o seu arranjo e decoração lhes conferia. Levado por natural curiosidade percorri essas instalações não tardando a encontrar no átrio de entrada uma verdadeira oficina de cerâmica artística. O professor Paletti Berger e um aluno estagiário, de quem já conhecia as tendências artísticas, manipulavam uma massa de barro a que o professor de tantas dezenas de gerações iria, em pacientes e prolongadas horas de trabalho, dar forma.

— Professor Berger, de que se trata?

Com a sua habitual bonomia, mais com o gesto que com palavras, responde-me apontando uma maquete de gesso.

— Um monumento aos Pupilos?

— Não, uma simples homenagem aos que esta legenda consagra.

Na minha imaginação a maquete, vista de relance, não tomara ainda as devidas proporções; a ideia de monumento mantinha-se. Pergunto:

— Mas, professor Berger, estou confuso... O que vejo apresenta-se-me com as proporções de monumento. V. diz-me tratar-se de simples homenagem... Vejo que trabalha em barro e... não estou a localizar a obra. Não deixo importuná-lo, mas a minha ausência explica a ignorância em que me encontro. Tendo cada obra de arte a sua génese, uma espécie de história da sua formação na consciência do artista, estou ansioso por conhecer a desta.

— Nada me importuna. Tenho

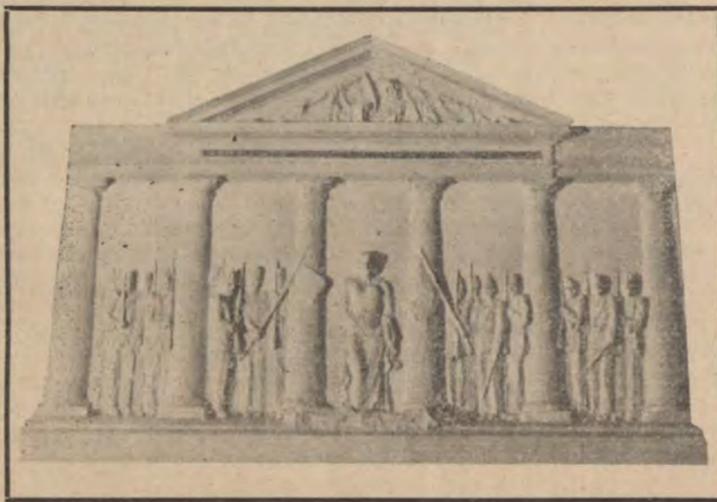
todo o gosto em satisfazer a sua curiosidade.

— Como nasceu a ideia desta obra?

— Como vê — respondeu — encontramos-nos no átrio de entrada, donde partem as escadas de acesso às novas instalações da sala de Conselho e Biblioteca. Quis o Director, Coronel Pacheco de Sousa, dar-lhes uma decoração sóbria mas digna das funções que desempenham, e a esta entrada de honra uma solenidade apropriada, propondo-se ditar a legenda que inspiraria o ambiente.

AOS QUE PARTINDO DESTA CASA QUISERAM E PUDERAM VENCER A PRÓPRIA MORTE

Foi esta legenda que o major Raul Subtil me entregou, depois de ter indicado ao Director do



Instituto o meu nome para efectivar a sua ideia.

Encontrei-lhe tanto da divisa viril inscrita na bandeira do Instituto

QUERER É PODER

que me pareceu serem aquelas palavras uma verdadeira consagração a esta Instituição de todos os que por aqui passaram e contribuíram para a sua grandeza.

— Se não lhe foram dadas mais que essas palavras — observei —, se nenhuma sugestão para as enquadrar se lhe acrescentou, estamos em presença duma criação artística suscitada por elas? Se bem compreendo o artista e o professor de tantas gerações de alunos, testemunha de tantos episódios, corpo e alma entregues a esta Casa, encontrou terreno favorável...

— Precisamente. A oportunidade e o ambiente de elevada compreensão, que reinava, deram largas à minha sede de expressão dos sentimentos que nutro por esta Casa, pela forma que à minha sensibilidade e formação mais gratas são: os volumes.

— Quere dar-me um esboço da obra? — insisti curioso.

— E' simples — apressou-se a esclarecer —. Estamos em presença do Templo onde se acolhem, quando passados à Eternidade, os mortais que a esta Casa se consagraram. A Pátria, reconhecida, aguarda os na colunata de ordem Toscana e, ali, igualmente, lhes prestam honras, inclinando-lhes a bandeira e o guião, as hostes dos Pupilos do Exército. Não tardará que, passada a colunata, transponha os umbrais do Templo aquele que Quis e Pôde Vencer a Própria Morte.

— Como vai ficar disposta a Obra, neste átrio?

— A Obra ocupará nesta parede lateral, à direita da entrada, um espaço de cerca de 3,50 m de comprimento por 2,50 m de altura. Será constituída por umas 500 peças ou blocos de cerâmica colorida, vidrada, justapostas e ligadas à parede com argamassa, como um

painel.

— Estou-lhe muito obrigado, professor Berger, pelas suas preciosas informações que ficarão a documentar esta obra por cuja realização o felicito. Muito apreciei o ensejo que me proporcionou de visitar uma oficina de arte onde o seu engenho, de todos nós bem conhecido, se multiplica, tudo improvisando (guilhotinas, feiras, moldes, etc.) naquela prodigalidade de ideia e de acção bem própria dos artistas. Antes de me despedir, formulo o meu voto porque não tarde a inauguração desta obra e ela coincida com a subida de mais um degrau no engrandecimento desta Casa.

Lisboa, 22 de Abril de 1958.

Humberto Garcia
Maj. Eng. S. M.

Um Pupilo na Navegação Aérea

Entrevista com o antigo aluno 93, António Luis Chamiço Heitor, autor de um calculador automático para navegação aérea.

Nem todos os Pupilos concluíram os seus cursos no Instituto. Mas nem por isso, a educação recebida na Escola, deixou de lhes moldar o carácter.

Fazer um Homem não é fazer um profissional.

Há excelentes profissionais que não são Homens e há grandes Homens que não são profissionais.

Por isso, quando o adolescente António Luis Chamiço Heitor saiu do Instituto em 1929, com 17 anos, que se contam desde o dia em que Mouriscas do Ribatejo o viu nascer, se levava na sua bagagem profissional apenas o Curso Preparatório do Comércio e Indústria, na sua alma, no seu coração, no seu espírito ia uma bela semente, a fecunda vitamina da educação, da auto-educação, um lema que enchia o seu ser e seria uma bússola para a vida: Querer é Poder!

1923 — Chamiço Heitor é o aluno n.º 93 do I. P. P. E., e frequenta, com 11 anos, a 4.ª classe de Instrução Primária.

1929 — Chamiço Heitor concluiu o Curso Preparatório do Comércio e Indústria e deixa o I. P. P. E.

1954 — Março, 3, diz o jornal «O Volante»:

UM INVENTO PORTUGUÊS

Chamiço Heitor fala-nos da sua régua calculadora

A notícia, de que um invento português vem introduzir novos aperfeiçoamentos na arte de navegar no espaço, causou compreensível repercussão.

— A régua que inventei visa evitar os cálculos demorados da navegação baro-comparada, dando logo leituras directas. Há planos de vôo, conforme o tamanho da rota, que levam cerca de três quartos de hora, ou mais, a fazer. Com



a minha régua, passarão a fazer-se em dez ou quinze minutos.

— Trata-se de uma régua transparente... que se destina a facilitar os cálculos, resolvendo um por um, por observação directa, em gráficos que nela existem, os problemas básicos da navegação baro-comparada.

— Esses problemas são: encontrar a correcção do vento, marcação do melhor caminho; solução

(Continua na pág. 7)

E que todos me acompanhem — actuais e antigos alunos — numa saudação ao Instituto nesta data festiva e solene dos Pilões:

SALVÉ 25 DE MAIO:
Saibamos o Instituto enobrecer!

L. S.

3,16. Estafeta 800 x 400 x 200 x 100: 1.º lugar. 110 metros barreiras: 3.º lugar. Triplo-salto: 1.º lugar, com 12,55.

Refira-se que as quatro últimas provas foram disputadas numa mesma tarde, pela ordem indicada, tendo entre elas apenas os 5 000 metros a seguir à estafeta olimpica, e os 100 metros a seguir aos 110 metros barreiras!

Mas onde Gil Martins mais se destacou, mercê da preparação especializada que recebeu no Instituto, foi na esgrima.

Gil Martins foi o Pupilo que mais contribuiu para vitória do Instituto sobre o Colégio Militar nesse troféu de educação que foi a Taça Challenge, disputada durante onze anos consecutivos entre as duas Escolas, em que couberam 6 vitórias aos Pupilos e 5 ao Colégio Militar, pois fez parte das equipas que disputaram e venceram esta Taça nos anos de 1931, 1932 e 1933, ano em que, definitivamente, a Taça foi conquistada pelo I. P. P. E.

Esta preparação, colhida no Instituto, havia de o conduzir mais tarde, nos anos de 1937 e de 1938, representando a Associação dos Antigos Alunos do I. P. P. E., ao título do melhor floretista que disputou provas em Portugal, tendo

sido Campeão Absoluto de Portugal, de esgrima de florete, nestes anos.

Eis o «GRANDE PUPILO» a quem os «Pupilos do Exército», em nome dos actuais alunos, prestam a sua homenagem, sem esquecerem os Mestres que tão bons frutos produziram, e entre eles, o director, ao tempo, da Secção de Ginástica e Esgrima, Ex.ª Coronel Viriato da Fonseca Rodrigues!

E' breve o abraço que vamos trocar com Gil Martins:

— Gil. Da educação que recebeste nos Pupilos que traços mais vigorosos distingues na tua maneira de ser?

— Ritmo, personalidade, camaradagem.

— Um mestre...

— Viriato Rodrigues, o método de ensino mais exemplarmente honesto que conheci.

— Uma recordação...

— Já depois de concluídos os exames do 4.º ano de Máquinas e Electrotecnia e estando em tirocinio na C. P. fui seleccionado para o Porto-Lisboa em atletismo. As provas realizaram-se no Porto tendo tido o seu início num Sábado e ficado concluídas no Domingo. Na 2.ª feira, já na minha vida normal nos Pupilos, recebi

indicação do Sr. Oficial de Serviço, o então tenente Ferreira de Carvalho, para procurar o Ex.ª Director, coronel Santos Paiva.

«— Gil Martins, o que fizeste no Sábado?

— Descansei, meu Director.

— Ah! Descansaste? Então quem é este Gil Martins que os jornais dizem que andou aos saltos no Porto?

— Bem, meu Director...

— Gil: Dita duas palavras para os actuais alunos.

— Um apertado abraço a todos. Não do campeão, que são sempre efémeros, mas do aluno de uma Escola que, tão bela e tão ridente como a nossa, há-de ser eterna. O campeão passou. Ficou o Chefe de Família, ficou o colaborador da «equipa» de Portugal no esforço de apetrechamento da nossa indústria.

E neste esforço, nesta colaboração, saibam vocês, Pupilos mais novos, que estão sempre dois traços do Pupilo que fui: o de procurar bem cumprir os meus deveres, como sempre me insuflaram os saudosos Mestres, e o de proceder em todos os actos com camaradagem, como aprendi no recreio, nas aulas, nas camaratas e em todos os lugares em que se encontravam dois Pupilos.